

**DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES O
ADOLESCENTE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL**

Fabíola de Mello Nogueira
Franciele Romano
Manoel Teixeira Junior*
Willian José Luis da Silva
Fabíola Batista Gomes Fribida

Introdução

O desenvolvimento humano tem sido objeto de estudo ao longo da história da psicologia e está longe de se chegar a uma compreensão definitiva e estanque sobre os processos que compõe este fenômeno de pesquisa. A divisão em períodos cronológicos de desenvolvimento ainda continua a ser pesquisado, apesar de existir uma certa concordância entre os teóricos sobre as características que delimitam cada etapa de crescimento. O período que antecede a vida adulta, após a puberdade, foi denominado de adolescência e é a concepção vigente mais aceita pela Psicologia.

Segundo Checchia (2010) a concepção mais influente do desenvolvimento da adolescência no Brasil surge com as figuras de Granville Stanley Hall (1844-1924) e Arminda Aberastury (1910-1972) e Mauricio Knobel (1922-2008). Segundo a autora Stanley Hall fundou a Psicologia da adolescência, colocando a adolescência como uma fase de turbulência, de muitas transformações físicas e psicológicas.

Segundo Knobel e Aberastury (1981) a adolescência é marcada por grandes transformações, conflitos, angústias, lutos, separações e busca pela identidade. Knobel (1981) postula que existe uma síndrome normal na adolescência e apresenta aspectos característicos que definem essa população de indivíduos:

busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal, onde o pensamento adquire as características de pensamento primário; 6) evolução sexual manifesta, que vai do

autoerotismo até a homossexualidade genital adulta; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associadas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida; 9) uma separação progressiva dos pais e 10) constantes flutuações do humor e do estado de ânimo. (p.29)

De acordo com Checchia (2010) estes autores (Stanley Hall, Aberastury e Knobel) colocam uma visão naturalizante sobre a adolescência, enfatizando as questões biológicas e genéticas como determinantes no desenvolvimento das transformações pelas quais passa o adolescente. Por isso, esse período denominado de adolescência vem sendo caracterizado em nossa cultura como um período marcado por conflitos, rebeldia e crises de identidade. A Psicologia vem fortalecendo essa visão naturalizante, corroborando com a ideia de que as crises de identidade desta fase da vida fazem parte das características naturais que marcam essa etapa do desenvolvimento humano.

No entanto, nem todas as escolas de pensamento, dentro da Psicologia, concebe esse estágio da vida como sendo uma manifestação natural do processo de desenvolvimento humano. Diante disso, como alunos do 4º período de psicologia de uma Faculdade do interior do Paraná, nos interessamos em estudar dentro da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento II, que tinha como foco a adolescência, uma perspectiva diferente da visão psicanalítica e a nossa professora promoveu no final do bimestre vários temas relacionados a adolescência como: Adolescência e Drogas, Adolescência e Bullying, Adolescência e Mídia, Adolescência e Ato Infracional, entre outros, bem como o tema Adolescência em uma perspectiva crítica. Este último tema interessou o nosso grupo e passamos a estudá-lo.

Objetivos e Métodos

O objetivo deste trabalho é levantar alguns pontos de reflexão, que se contrapõe com a visão tradicionalmente aceita pela Psicologia sobre a adolescência, utilizando como base a visão da Psicologia Histórico-Cultural de base marxista. Para tanto, focamos nosso estudo no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, pois entendemos que estas funções permitem o desenvolvimento da adolescência não como algo natural, mas construído social e

historicamente. Dessa forma, vamos mostrar a importância do desenvolvimento das funções psicológicas superiores no desenvolvimento do adolescente.

Para tanto, em nosso trabalho utilizamos como autores que focam a adolescência na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural/Crítica (Sócio-Histórica) Bock (2004), Gonçalves (2001), Checchia (2010) e Mascagna (2009), Vigotski (1995,1996, 2008). Estes postularam teorias que se contrapõe a concepção de base liberal, que é a concepção mais aceita e propagada pela psicologia, que concebe o indivíduo a partir da idéia naturalizante, desconsiderando sua construção sócio-histórica, ou desconsiderando o indivíduo que é constituído por uma complexidade que não pode ser determinante, objetiva e reducionista.

Resultados e Discussões

Vigotski quando formulou a sua teoria, como afirma Tuleski (2008), ele se encontrava em uma Rússia que estava em transformação de uma sociedade capitalista rumo a uma sociedade mais evoluída que é o comunismo. Nesse processo de construção de uma Rússia comunista, Vigotski percebeu a necessidade de transformação da consciência do homem que não mais poderia pensar de forma fragmentada, egoísta e individualista como no capitalismo, pois a nova sociedade requeria a formação de homens individuais, singulares que tivessem o autodomínio de seus mundos externo e interno. A necessidade de mudança da consciência em decorrência de uma sociedade em transformação, levou Vigotski, de acordo com Tuleski (2008) a formular a teoria das funções psicológicas superiores enquanto funções que se desenvolvem na interação com os outros homens e depois fazem parte do aparato psíquico do homem.

Podemos então entender que para Vigotski as FPS (funções psicológicas superiores) são um processo humano e humanizador, que acontece na relação entre as pessoas mediados por instrumentos tanto materiais como psicológicos (signos e linguagem) que parte de um desenvolvimento biológico e segue um desenvolvimento histórico e social capaz de causar uma mudança de consciência nos homens.

Tuleski (2008) ao fazer referencia a teoria de Vigotski sobre o desenvolvimento humano, afirmou que o mesmo levou em consideração três situações de desenvolvimento: a

Evolutiva que significa o desenvolvimento biológico até os seres humanos, a Histórica que entende o desenvolvimento humano partindo do homem primitivo até o desenvolvimento do homem cultural e o Individual em que temos um ser humanizado, isto é, com características humanas devido a apropriação da cultura. Diante disso, compreendemos que em Vigotski o desenvolvimento do homem e do seu psiquismo não acontece de forma natural, mas na interação com a sua realidade externa, podemos então afirmar que as FPS são um processo social e histórico que acompanha a evolução da sociedade e as transformações pelas quais passa o homem. Portanto, não é algo estanque e imutável, mas possui uma raiz biológica que vai sendo superada com as apropriações que este homem faz das produções criadas pela humanidade.

Como afirma Tuleski (2008) em referencia a teoria de Vigotski afirma que “ Ao contrário, ele demonstra quanto a diversidade qualitativa das funções está intrinsecamente ligada à característica de sobrevivência, de organização e das relações que cada tipo humano estabelece com os outros homens e com a natureza”(p.127). Por isso, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (FPS) parte do desenvolvimento das funções psicológicas elementares, que são estruturas primitivas, instintivas e naturais em estreita relação com o desenvolvimento biológico do individuo, muito parecidas com a dos animais como afirma Vigotski (1995). A superação destas funções psicológicas elementares para FPS acontece na evolução da sociedade, da forma de organização da vida dos homens, das relações que engendram com o seu ambiente externo. Por isso, não são funções que acontecem isoladamente e são mais complexas (memória ativa, imaginação, atenção voluntária, uso da linguagem) que as funções psicológicas elementares (reflexo, instinto).

Na sua relação com a natureza o homem se apropria de conteúdos importantes para a sua humanização, mas esta apropriação é feita através do uso de alguns instrumentos que fazem a mediação entre objeto e homem, como podemos destacar os materiais (enxada, martelo, faca...) e os psicológicos (linguagem, signos). Os instrumentos materiais permitem ao homem o controle e domínio de sua realidade social e os signos o controle interno do individuo, afirma Vigotski (2008). Dessa maneira, a combinação entre os instrumentos e os signos permitem tanto o controle do comportamento como da natureza, pois a cada operação

externa novas operações internas ocorrem, fazendo com que o homem se torne mais complexo.

A internalização, segundo Vigotski (2008) é “[...] a reconstrução interna de uma operação externa”(p.56), ou seja, inicia como uma atividade externa que sofre uma significação dada por outras pessoas, essa atividade é internalizada causando uma transformação no psiquismo humano. Diante disso, deixa de ser um processo interpessoal para intrapessoal, isto é, carregado de significado externo para começar a ter um sentido (interno) para a pessoa que a realiza a atividade. Isto significa que as ações das pessoas serão realizadas intencionalmente, carregado de sentido. É neste processo de internalização dos conhecimentos humanos que as funções psicológicas superiores são formadas e são mais evidentes na idade de transição, como chama Vigotski (1996). Baseado nesta teoria a adolescência é chamada de “idade de transição” pois retrata a mudança de pensamento de um homem hominizado que se desenvolveu em uma sociedade capitalista que privilegia o desenvolvimento das funções psicológicas elementares para alcançar o seu desenvolvimento mais complexo dentro de um sistema comunista, como retrata Tuleski (2008). Esse desenvolvimento mais complexo significa a mudança de pensamento tão característico na adolescência.

Essa mudança de pensamento que acontece devido a apropriação da cultura criada pelas geração anteriores, no adolescente fica evidente através da formação de conceitos. Vigotski (1996) irá afirmar que o desenvolvimento das funções psicológicas no adolescente não é uma continuação das etapas anteriores, quantitativa, mas qualitativa do pensamento, que supera as suas raízes biológicas e galga etapas humanas de desenvolvimento, como ocorre com o pensamento por meio de conceitos e não mais inteiramente ligados ao pensamento concreto, como é evidente na criança mais nova. É com a mudança de pensamento que segundo Vigotski (1996) vão causar mudanças no comportamento do adolescente, pois afirma o autor que “[...] o pensamento em conceitos abre para o adolescente um mundo da consciência social objetiva, o mundo da ideologia social” (p.64)

O adolescente passa a ter acesso ao mundo de forma abstrata, é capaz de entender as orientações de seus pais, amigos e professores sem necessariamente ter o objeto concreto a

sua frente. Segundo Vigotski (1996), a formação dos conceitos é algo que começa na infância, mas é na adolescência que ele amadurece permitindo ao adolescente ampliar o conteúdo de seu pensamento e a refletir sobre suas ações e sobre o mundo ao seu redor. Vemos no adolescente um pensamento mais crítico, questionador que não está ligado apenas as transformações biológicas de seu corpo, mas devido ao acesso que agora possui do mundo ao seu redor. Por isso, Vigotski (1996) ao citar Blonski afirma que o meio deixa de ser uma extensão do pensamento do adolescente para se converter em pensamento do meio.

Podemos então entender o adolescente não como um produto de sua realidade, mas como um ser ativo, que transforma, modifica a realidade na qual está inserido. O que significa na Psicologia Histórico-Cultural que a adolescência não é um processo natural de desenvolvimento, mas está intimamente ligado ao desenvolvimento da própria sociedade e de uma necessidade histórica. Como afirma Bock (2004)

A adolescência foi criada pelo homem. Fatos sociais vão surgindo nas relações sociais e na vida material dos homens; vai se destacando como um fenômeno social e vai apresentando suas repercussões psicológicas; vai sendo construído um significado social para esses fatos que vão acontecendo e, em um processo histórico, vai surgindo na sociedade moderna ocidental, a adolescência. Construída como fato social e como significado, a adolescência torna-se uma possibilidade para os jovens (e para os não jovens), uma forma de identidade social. (p.40)

De acordo com Vigotski (1996) estas transformações sociais levam a mudanças tanto nas características orgânicas, como psíquicas e sociais do adolescente, afetando significativamente o seu pensamento, por isso, o autor faz críticas a algumas teorias tradicionais que entendem que o desenvolvimento do intelecto do adolescente é uma extensão ou continuação das etapas anteriores do desenvolvimento, que não há nada de novo. Pode-se observar que a concepção da Psicologia Histórico-Cultural se contrapõe criticamente a visão de um homem dotado de potencial natural, que vai se atualizando com o seu amadurecimento. Diante disso, afirma Gonçalves (2001):

A Psicologia Histórico-Cultural, cujos fundamentos estão no Materialismo Histórico-Dialético, propõe a relação de reciprocidade entre a subjetividade e objetividade, isto é, para a compreensão do mundo interno, há que se compreender o mundo externo, as mediações sociais que expressam a constituição do que é particular. Tal relação permite a compreensão do homem em sua totalidade, em um processo de constante transformação externa, produtor da história que se manifesta na criação e no aperfeiçoamento de instrumentos, na apropriação dos signos culturais que possibilitam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. A atuação prática do psicólogo, quando da mudança de visão de homem e de mundo, fundamenta-se na compreensão de que não há um homem universal pronto para desabrochar, nem há um homem que se realiza individualmente. (p.32)

Devido ao seu fundamento filosófico ser o materialismo histórico dialético de Marx, o homem é concebido como um ser ativo que organiza materialmente a sua vida por meio do trabalho. O trabalho é então utilizado pelo homem para modificar tanto a natureza quanto a si mesmo, pois ao mudar a sua realidade externa ele se complexifica internamente para lidar com a realidade transformada. De acordo com Martins (2008) o trabalho é a atividade vital do homem, que o retira de uma condição hominizada (homem genérico/espécie) para um homem humanizado (histórica e socialmente desenvolvido). Denota Andery et al (2004, p. 403), que para Marx, “[...] o homem é parte da natureza, mas não se confunde com ela”, mas tem a função de transformá-la diferenciando-se dela, por isso, Martins (2008) afirmar que o trabalho tem uma dimensão ontológica, ou seja, faz parte da essência do homem.

Dessa forma, na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural a adolescência, não é possível se padronizar os comportamentos e definir características universais para este período do desenvolvimento humano. É preciso levar em consideração a construção histórico-cultural do indivíduo, considerar o indivíduo em sua totalidade, considerar a subjetividade do humano, considerar a singularidade de cada cultura, de cada classe social, de cada período histórico, antes de se estabelecer critérios universais e naturais para adolescência. Para tanto, faz-se necessário investir no desenvolvimento das funções psicológicas superiores de nossos

adolescentes, pois o conhecimento que os adolescentes se apropriam são extremamente importante para o seu desenvolvimento enquanto ser humanizado.

O desenvolvimento das FPS permite o desenvolvimento dos conceitos importantes para que ocorram mudanças em seu pensamento e em sua conduta. Este passa a refletir sobre o mundo ao seu redor, gerando questionamentos e também desejos de mudança deste mundo. Passa a ter mais domínio sobre as suas condutas perante a sociedade, evidenciando segundo Vigotski (1996) a superação das funções elementares e o amadurecimento das superiores. Essa mudança de pensamento fica evidente na pesquisa de Mascagna (2009) realizou com 14 adolescentes de escola pública no Paraná, em que afirmaram (seis) que a *Mudança na forma de pensar*, foi o que deixou em demonstra o fim da infância.

No entanto, como vivemos em uma sociedade capitalista o desenvolvimento das FPS se dá de forma desigual nos indivíduos, devido a falta ou o demasiado acesso que alguns homens tem das produções humanas, necessárias para o desenvolvimento do homem. De acordo com Vigotski (1995) relações sociais e as apropriações das práticas sociais elaboradas pelo humanidade, causam uma mudança qualitativa tanto no pensamento como na conduta do indivíduo, mas como estas relações são fragmentadas e as apropriações desiguais devido a sociedade de classe em que vivemos, o desenvolvimento das FPS, que são importantes para a regulação do comportamento do adolescente, acabam se fragmentando, ou seja, são incompletas para o pleno desenvolvimento humano deste adolescente. Por isso, vemos condutas tão impulsivas, imaturas e animais em nossos adolescentes como as pichações, bullying, comportamentos agressivos, o uso de drogas, que sabemos não é algo apenas da adolescência, mas um problema da humanidade, reflexo de uma sociedade que privilegia o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Como destaca Mascagna (2009) em sua dissertação de mestrado sobre o adolescente dos quatorze adolescentes que participaram da pesquisa na pergunta sobre “*A concepção do que é ser adolescente*” ela percebeu que a maioria (oito) tem uma visão negativa sobre o adolescente. Dentre as respostas destaca-se “[...] *ter o comportamento diferente (falar, vestir, pensar e ser), ser rebelde, é curtir a vida (bagunçar e festejar), andar em grupo, ser estressado, ter mais responsabilidade, ter o hormônio aumentado, não ser nem criança e nem*

adulto e ser mais responsável (Mascagna, 2009, p.148). Segundo a autora, esta visão do adolescente é naturalizado em nossa sociedade, que espera este comportamento, denotando mais uma vez o que dissemos sobre a prevalência do desenvolvimento das funções psicológicas elementares.

Como forma de desenvolver estas FPS no homem, a teoria vigotskiana coloca a educação como uma prática social humana capaz de possibilitar o acesso ao nosso adolescente das construções e conhecimentos produzidos pela humanidade produzindo assim, uma conduta mais humana e por isso, consciente da realidade ao seu redor. Saviani (2008) pode-se entender o trabalho da educação como:

(...) o ato de produzir , direta e intencionalmente, em cada individuo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (p.13).

Diante disso, cabe a educação a humanização de seus educando através da transmissão de conteúdos que vão produzir transformações em sua consciência e em sua conduta, para tanto, há a necessidade de que esta transmissão seja realizada de forma a atingir este objetivo. Tuleski (2008) afirma que para a construção de uma sociedade comunista era necessário uma mudança de pensamento, que seria possível através de uma educação transformadora, que possibilitaria de forma igualitária o acesso ao conhecimento que fosse além do cotidiano, que seria chamado de científico.

Para que tal acesso fosse viabilizado a figura do professor se desdobra enquanto mediador do processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Facci (2004) “[...] o professor, no processo ensino-aprendizagem, faz a mediação entre o conhecimento e o aluno, levando este a resolver os problemas escolares, utilizando os conhecimentos da prática, mas relacionando-os com as teorias expostas sobre o assunto”. (p.236)

Na pesquisa que realizou com oito adolescentes entre 14 a 16 anos que publicou no livro *Adolescência e a escolarização: numa perspectiva crítica em Psicologia* Checchia (2010) constatou que a relação dos professores com alunos adolescentes é de uma visão negativa e de falta de respeito, bem como desesperançosos quanto ao progresso destes alunos/adolescentes. Podemos afirmar que esta falta de respeito e agressividade a figura do adolescente é resultado da visão natural e por isso, pouco transformadora das características do adolescente (rebeldia, violência, “do contra”), que acaba tendo o reforço da Psicologia do Desenvolvimento.

Além disso, a pesquisa de Checchia (2010) verificou que os professores que mais ganham o respeito dos alunos são aqueles que têm domínio de conteúdo e o transmitem de forma clara. Por isso Saviani (1997) afirma que a função do professor é a “produção de conhecimentos” para isso alguns conhecimentos precisam ser desenvolvidos nos professores como por exemplo o conhecimento sobre domínio de conteúdo, o conhecimento didático-pedagógico que se refere a transmissão deste conhecimento. Diante disso, podemos afirmar o quanto é importante o papel do professor no desenvolvimento do adolescente, principalmente porque na interação com o aluno o professor o verá não como um fracasso, mas como um ser ativo capaz de transformação.

Na entrevista que Mascagna (2009) realizou com adolescentes para a sua dissertação de mestrado, seis dos quatorze adolescentes que participaram da pesquisa na pergunta sobre a importância da escola, destacaram que a escola cumpre a função de *aprender* e cinco destacaram que a escola é *para dar um futuro melhor*. No entanto, a autora destaca em sua análise que mesmo que os adolescentes tenham colocado a importância do aprender as outras respostas (É importante porque sem estudo a pessoa não tem valor, Para aprender e ter uma boa profissão, Ser alguém na vida, Para ficar inteligente) denotam um discurso que reflete o ensino pós-moderno que valoriza o individualismo, sempre pensando no seu próprio desenvolvimento econômico e social e não num desenvolvimento coletivo, de transformação da realidade na qual está inserido.

Diante disso, vimos que a adolescência não é apenas uma fase natural do desenvolvimento humano, mas construído historicamente e orientado segundo Vigotski

(1996) para os interesses que a sociedade em transformação desperta no adolescente. Cabe portanto, a educação enquanto uma instituição humana que segundo Leontiev (2004) acompanha o desenvolvimento da humanidade proporcionar ao adolescente conteúdos para o seu desenvolvimento integral e humanizado e por isso de suas funções psicológicas superiores

Conclusão

A conclusão que se pode chegar através deste trabalho é que a concepção de adolescência como uma etapa natural do desenvolvimento humano tem levado a Psicologia a uma reprodução de ideias reducionista do indivíduo. A subjetividade do homem, que é construída através da sua relação singular com o social, através da história, é totalmente desconsiderada dentro desta visão mais aceita e difundida pela Psicologia. Portanto, considerar a adolescência como uma construção histórica, como uma necessidade social é fundamental para se compreender os rótulos e características desta fase do desenvolvimento humano.

Falar em moratória, lutos, crises de identidade, tendência grupal, oscilação de humor, como característica natural da adolescência, sem considerar a subjetividade do indivíduo, sem considerar a sua constituição histórica, sem considerar o conhecimento que o homem vem acumulando ao longo de sua história, sem considerar as especificidades de cada povo, de cada cultura, de cada período histórico, é submeter o indivíduo a forças factuais. A consequência dessa visão é impossibilidade de se tomar medidas adequadas para superar os rótulos e os verdadeiros problemas enfrentados pela adolescência.

Além disso, o presente trabalho possibilitou a ampliação da visão sobre o fenômeno da adolescência, considerando dimensões não contempladas na ementa (plano de aula) da disciplina Psicologia do Desenvolvimento II, construção do pensamento crítico em relação ao desenvolvimento psicológico, sendo a adolescência sob uma perspectiva crítica, o veículo de debate e discussão, despertou o interesse acadêmico pela busca de abordagens dentro da psicologia que estão além das abordagens valorizadas pela psicologia clássica, focadas na tendência idealista, Despertou o interesse em constituir um grupo de estudo para aprofundar os conhecimentos a respeito da Psicologia Histórico-Cultural (Sócio-Histórica) que culminou

com a inclusão de uma disciplina optativa para o quinto período intitulada Psicologia Histórico-Cultural (Psicologia Sócio-Histórica), bem como, contribuiu para um olhar mais crítico, durante as atividades de estágio, levando os acadêmicos a considerar dimensões não contempladas nas atividades práticas;

Referências

Andery, M. A.P. A. et.al. (2004). *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. Rio de Janeiro: Gramond; São Paulo: EDUC.

Bock, A.M. B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da informação do ser humano: a adolescência em questão. *Cad. CEDES*, (24),62, p. 26-43. Campinas.

Checcia, A.C.A (2010). *Adolescência e escolarização numa perspectiva crítica em Psicologia Escolar*. São Paulo: Aliena.

Facci, M. G. D. (2004). Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? *Um estudo crítico-comparativo da Teoria do Professor Reflexivo, do Construtivismo e da Psicologia Vigotskiana*. Campinas: Autores Associados.

Gonçalves, M. G. M. (2001). A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: Bock, A. M. B.; Gonçalves, M. G. M.; Furtado, O. (Org.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez.

Knobel, M. (1981) A síndrome da adolescência normal. In: Aberastury, A. & Knobel, M. *Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Martins, L. M. (2008). Introdução aos fundamentos epistemológicos da Psicologia Sócio-Histórica. In: Martins, L. M. (Org.) *Sociedade, Educação e subjetividade: reflexões temáticas à luz da Psicologia Sócio-Histórica*. (pp.33-60) São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação.

Mascagna, G.C. (2009). *Adolescência: compreensão histórica a partir da Escola de Vigotski*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Estadual de Maringá-Faculdade de Psicologia, Maringá.

Saviani, D. (1997 jan/jun). A função docente e a produção do conhecimento. *Revista Educação e Filosofia*, 11(21/22), pp.127-140.

Saviani, D. (2008). Educação Socialista, Psicologia Histórico-Crítica e os desafios da sociedade de classes. (2a ed.) In: LOMBARDI, J.C. & SAVIANI, D. (Org.). *Marxismo e Educação: debates contemporâneos*. (p.223-274). São Paulo: Autores Associados.

Tuleski, S.C (2008). *Vygotski: a construção de uma psicologia marxista*. (2a ed.). Maringá: Eduem.

Vygotski, L. S. (1995). *Obras escogidas III*. Madrid: Centro de Publicaciones del M.E.C.y Visor Distribuciones.

Vygotski, L. S. (1996). *Obras escogidas IV*. Madrid: Centro de Publicaciones del M.E.C.y Visor Distribuciones.

Vygotsky, L. S. (2008). *A formação social da mente : o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. (J. A. Neto; L. S. M. Barreto & S. C. Afeche, Trad.) (7a ed.). São Paulo: Martins Fontes.